

O PORTO COMO CENTRO DE DECISÃO POLÍTICA

Antero Quental nos inícios da década de 90

Agostinho Correia Branquinho

"Sacrificaremos todos, no altar da Pátria, intuítos e preferências particulares, dissidências, azedumes e suspeições, triste legado dum período de mesquinhas lutas, que entibiaram ainda os melhores e, unidos num comum ideal, seremos fortes por essa união indissolúvel, tão indissolúvel como a unidade da Pátria, cujo sentimento nos inspira a todos sem distinções" — estas as palavras de Antero Quental (1), em 1890, contidas num discurso que estava preparado para ser proferido na sessão solene de apresentação da Liga Patriótica do Norte, no Porto, em 7 de Março desse ano, cujo conteúdo ainda hoje está bastante actual.

A Liga Patriótica do Norte foi criada, no Porto, poucos dias após o ultimato inglês de 11 de Janeiro de 1890 — em 1 de Fevereiro. A ideia da formação desta organização surgiu durante um comício realizado a 26 de Janeiro, desse ano, no Teatro Príncipe Real, ou seja, apenas quinze dias depois da vil ofensa da Inglaterra ao nosso País.

À Liga vieram a aderir grandes vultos da época, destacando-se, para além de Antero Quental, presidente, Basílio Teles, Sampaio Bruno, Ricardo Jorge, Bento Carqueja e João Chrisostomo de Oliveira Ramos.

No entanto, o discurso de Antero Quental que citamos na abertura deste estudo, acabou por não ser proferido. As razões que motivaram essa atitude de Quental não são hoje suficientemente conhecidas, sendo, contudo bastante verosímil que tenha sido influenciado por Oliveira Martins que, na altura, se deslocou propositadamente ao Porto, para falar com o poeta.

Porém, apesar do discurso não ter sido lido na sessão da Liga Patriótica do Norte, de 7 de Março, nem por isso deixa de ser uma referência histórica importante, uma vez que, definido um sentimento de interesse nacional — então bastante patente entre os portugueses — nos remete para a situação que, neste momento, vivemos em Portugal.

Numa outra parte do discurso, Antero sustentava que "os governos, em Portugal, deixaram há muito de representar, genuinamente, os interesses e o sentir da Nação". Para o poeta, a Liga Patriótica do Norte emanava de uma opinião pública participativa que formularia "um plano de emancipação económica, de restauração das forças produtoras, do levantamento do nível intelectual, de garantia e defesa da integridade nacional, plano de ordem, justiça e moralidade sociais que significará, ao mesmo tempo, a emenda dos passados erros e a esperança de um futuro em que Portugal retome entre as nações civilizadas um lugar digno das suas nobres tradições. Esse plano terá por certo a adesão do País, que verá nele a expressão consciente do seu pensamento e das suas necessidades".

UNIR OS PORTUGUESES

Antero Quental sustentava que a concretização de tais propósitos só seria possível quando "todos os portugueses trabalhem, sem descanso, pelo levantamento da nossa infeliz Pátria, hoje ludibriada e sem defesa".

Efectivamente, para Antero, que não era um político — na acepção que hoje temos dessa actividade — nem um homem mundano, mas antes um escritor, um poeta, um intelectual, a concretização do seu ideal de "salvação nacional" passava pela união de todos os portugueses independentemente das suas opções. O que estava em causa — tal como ainda hoje — era a salvação da Pátria. Porém, as esperanças de Quental pouco tempo duraram e a Liga Patriótica do Norte viria a desfazer-se, por sua iniciativa, pouco tempo depois. As causas não são conhecidas ao certo. Contudo, alguns historiadores inclinam-se para a hipótese de que a Liga teria tido pouca receptividade no resto do País, nomeadamente em Lisboa. Hipótese que, de resto, tem alguma credibilidade, uma vez que os sectores intelectuais e revolucionários da capital tentaram sempre ao longo dos tempos liderar os movimentos contra a Monarquia.

Portanto, neste caso, não viam com bons olhos que a liderança do processo pertencesse aos homens do Porto.

LUTAR CONTRA A CORRUPÇÃO

Um dos grandes objectivos de Antero Quental e de todos aqueles que então aderiram à Liga — comerciantes, industriais, representantes das profissões liberais, operários, aristocratas, republicanos, monárquicos e estudantes — era o combate contra a corrupção que grassava nesse tempo e pela moralização dos poderes públicos. O poeta declarava mesmo no discurso que "não prevalecerão as artes corruptas com que uma oligarquia, das menos escrupulosas, aproveitando-se do indiferentismo e desleixada tolerância a que a Nação se entregara como quem abdica do seu direito à dignidade, conseguiu apossar-se da alta administração e do governo, para nos conduzir, no fim de trinta anos de materialismo político, à beira do abismo onde nos encontramos".

Apesar da sua existência ter sido efémera, a Liga Patriótica do Norte deixou ficar sementes que mais tarde frutificaram na Revolta de 31 de Janeiro de 1891.

"A Liga foi, antes de mais, um movimento moral de protesto quer contra a submissão da Pátria ao poder estrangeiro, quer contra a submissão do Porto e do Norte ao poder central", sustentou o prof. José Augusto Seabra, numa conferência realizada no Ateneu Comercial do Porto, aquando das comemorações do 31 de Janeiro, em 1980.

UM PROGRAMA REFORMISTA

Ao contrário do que alguns sectores, nos nossos dias, pretendem fazer crer, Antero Quental bastante cedo abandonou a sua perspectiva revolucionária de mudança da sociedade.

Isto pode ser facilmente comprovado, inclusivé, no próprio discurso que atrás citámos. "A acção da Liga — refere o poeta — não será revolucionária. Pelo contrário, a Liga considera um tal divórcio como uma calamidade, e a sua acção tenderá a restabelecer a natural harmonia entre o pensamento nacional e o seu órgão, o Estado. Fora das competições da falsa política, que nos tem dividido e enfraquecido, mas por isso mesmo no terreno da verdadeira política, que é a dos grandes interesses nacionais, fora dos partidos, porque superior a eles, a Liga fará ouvir aos poderes públicos a voz da Nação; e essa

voz persistente, firme e cheia de autoridade obriga-os-á, por muito inverterado que seja o seu endurecimento, a converterem-se à sua missão que é a de representantes e zeladores dos interesses da Nação, e não só dos interesses materiais, mas dos mais elevados, os interesses morais, e entre estes preeminente o da dignidade nacional".

A Liga Patriótica do Norte, logo após a sua criação, deixou, em aberto, a possibilidade de se criarem instituições homólogas em todo o País. Esta organização tinha uma estrutura orgânica bastante elaborada, pois, para além do presidente, a Direcção estava confiada a um Directório composto por sete comissões, a saber: Executiva, Propaganda, Fomento Económico, Colonial, Ensino, Subscrição Nacional e Defesa Militar. Como se pode constatar, nada foi deixado ao acaso.

CRISE ECONÓMICA AGRAVA SITUAÇÃO

Após o desaparecimento da Liga, a situação interna continuou a agravar-se, em Portugal. Internacionalmente existia, então, uma grave crise económica e financeira que se repercutiu fortemente, no nosso País. A desvalorização da moeda, as múltiplas falências bancárias, a contracção nos investimentos e uma grande instabilidade política conduziram o país para uma situação caótica.

Foi perante esta conjuntura dramática que os ideais republicanos se propagaram, encontrando eco, sobretudo, na pequena e média burguesia comercial e industrial, estratos que então, tal como hoje, mais suportavam os problemas económicos.

Nesse contexto, as revoltas sucederam-se umas atrás das outras, durante todo o ano de 1890 — especial destaque para a de Setembro, fomentada por estudantes e que foi liderada por João Chagas.

31 DE JANEIRO DE 1891 — UM MOVIMENTO PATRIÓTICO

A revolta que em 31 de Janeiro de 1891 eclodiu, no Porto, foi, acima de tudo, um movimento patriótico. O historiador Joel Serrão (2), analisando este levantamento militar, afirma que "a revolta de inspiração e aspiração republicana ocorrida na guarnição militar do Porto, na madrugada de 31 de Janeiro de 1891 se, por um lado, foi o remate da profunda emoção nacional suscitada pelo Ultimato inglês de 1890, por outro, assumiu papel de grande relevo na história da conquista do Poder pelo republicanismo que culminou com a revolução de 5 de Outubro de 1910".

Também esta revolta e os apoios que então recebeu têm sido desvirtuados ao longo dos tempos. Hoje, aceita-se como certo que nem os políticos do Partido Republicano, nem os membros do pequeno Partido Socialista, nem os militares de altas patentes participaram neste movimento portuense, conforme, aliás, refere o historiador Fernando de Sousa (3), na sua obra sobre o 31 de Janeiro de 1891.

Esta revolta foi preparada por homens como João Chagas, Sampaio Bruno, Alves da Veiga e Santos Cardoso tendo sido, alguns deles, membros da Liga Patriótica do Norte. Os militares que aderiram ao levantamento eram, na sua esmagadora maioria oficiais subalternos ou sargentos.

Neste sentido se pronuncia Joel Serrão (4), ao mencionar que o 31 de Janeiro de 1891 foi uma "revolta fundamentalmente popular, e, para que ela tivesse sido ou viesse a ser uma revolução de facto, faltou-lhe direcção e um programa de acção política".

NOTAS

(1) – O discurso de Antero Quental que citamos neste estudo foi publicado na íntegra em "**A Revista – Sciencias e Letras**", nº 9, Março de 1904.

(2) – Joel Serrão, "Trinta e um de Janeiro de 1891", in **Dic. História de Portugal**, dir. Joel Serrão, Iniciativas Editoriais, 1975.

(3) – Fernando de Sousa, **O Porto e a revolta do 31 de Janeiro**, Porto Athena, 1977.

(4) – Joel Serrão, **op. cit.**